

O DIVISOR DAS AGUAS

II

A estrada, que parte da represa do Rio Grande, caminho de tropa, indo até Santa Barbara, tem á esquerda, uma outra que vae dar ao alto da Pedra do Quilombo, a 767 metros de altura, na Serra do Nogueira, de difficil accesso, não só pela sua declividade como pelas pedras, verdadeiros seixos rolados, espalhadas pela estrada. No meio da ascensão, á direita, encontra-se a nascente do *Virgilio*, de bôa e agradável agua, principalmente para os que lá vão, depois das caminhadas. Mais acima, os pés de *Cambucás*, (*Rubachias glomerata Berg*) e na corôa da serra a vegetação xerophila, o *Capim melado* (gordura ou catingueiro — *Milinis minutiflora Pal. de Beauv*). Deste ponto a vista é extraordinaria, pois se descortinam os valles do Rio Grande, Marangá, Bahia da Guanabara e Serra dos Orgãos; o percurso é de duas horas e meia de subida fatigante. Assim se chega ao divisor das aguas do Rio Grande-Camorim.

A estrada continua até Vargem Grande, via sitio do Pery; á esquerda ha um caminho ou picada em plena matta, que vae á Pedra do Quilombo, outr'ora refugio dos pobres negros escravos, que fugiam aos "bons" tratos dos senhores fazendeiros. Nesse local foi encontrado, no dia seguinte á nossa passagem, um tatú es traçalhado por uma sussuarana, por um preto matteiro que fez o mesmo percurso. Partindo por esse caminho, que se bifurca antes da chegada á *Pedra do Quilombo*, encontra-se uma picada, á direita, caminho das

aguas pluviaes, por onde, depois de uma hora de percurso, numa descida precipitada, entre palmeiras, coqueiros, samambaias e vegetação umbrophila se chega ás cabeceiras do *Camorim*.

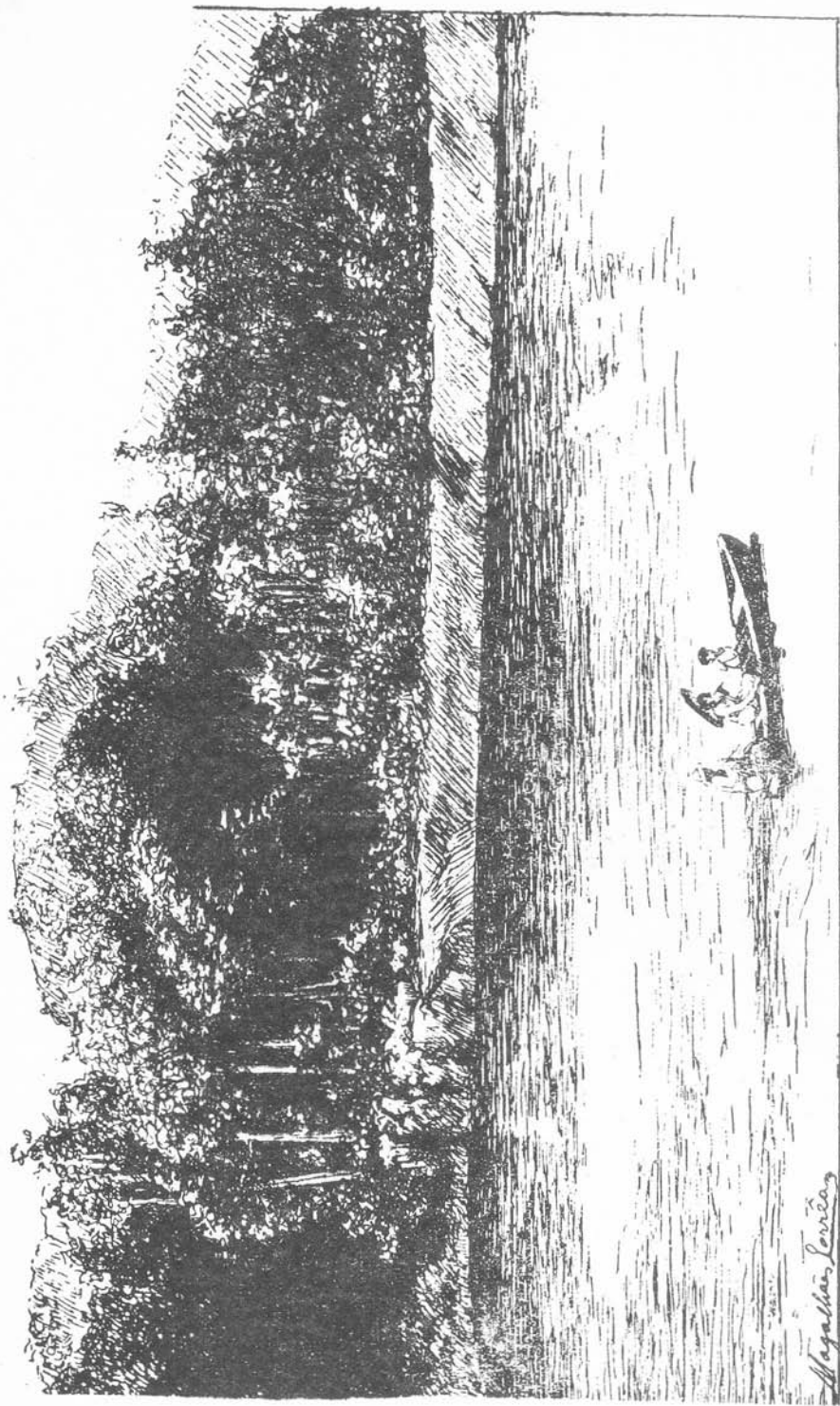
Actualmente, em virtude da construcção do açude, planejado por Sampaio Corrêa, que acaba de ser executado, ficou interdita essa passagem, obrigando aos excursionistas passar pelo *Sítio do Pery* augmentando assim o percurso.

Ao chegar ao açude, ficamos surpresos, pelo volume d'agua numa extensão de um kilometro e num total de quatro kilometros de perimetro. Os conservadores do açude, que estavam limpando a nascente, offereceram-nos o caique e remador para nos transportar á margem opposta, na enseada das Morenas, perto da barragem do mesmo. Esta bacia hydrographica honra a nossa engenharia, cabendo os louros ao Dr. Henrique de Novaes, engenheiro chefe da divisão technica. Está assente numa verdadeira bacia natural, formada pelas vertentes da serra do Nogueira e Pico do Saccarrão, na altitude de 436 metros acima do nivel do mar.

O *Açude do Camorim* é o maior manancial do grupo Jacarépaguá. A sua área é de 210.000 metros cubicos, com a profundidade de 18 metros, cercado por uma capoeira que, felizmente, agora está resguardada do machado devastador e tornar-se-á, futuramente, matta. Esta bacia é fechada por um systema de barragem de terra, cuja base tem oitenta metros e tres na parte superior, e, no seu interior, está collocada uma cortina de cimento armado, sendo o corpo da barragem em terra apiloada, em camadas de vinte centimetros, cujo revestimento á montante é de pixe, areia e cascalho, no lado interno do açude. Na parte externa da barragem estão as canaletas e passeios de pixe, areia e cascalho e o restante de gramado.

No açude está a *torre de tomada d'agua*, de concreto armado, marcando as cotas, que vão de 420 a 450, sendo a media de 435, representando uma área de 203.960 metros cubicos quadrados, com o volume total de 1.849.130 metros cubicos d'agua. Para essa torre, a passagem é feita por um passadiço chamado de *manobras*, tambem de concreto armado, que leva ao tubo de descarga, onde se regularisam as manobras das comportas.

Existe ainda ali um sangradouro, canal de emergencia, que evita a passagem das aguas pela barragem, nas grandes



Açude Camorim — a 436 metros de altitude

Magalhães Corrêa

chuvas. Este açude está situado a seis kilometros da estrada de rodagem de Guaratyba, e a tres kilometros da represa de captação, com a differença de 260 metros de altitude entre a barragem e a represa, que está a 176 metros.

Esta situação longinqua é bem propositalmente feita para evitar os effeitos do simples contacto humano com a agua para corrigir a poluição eventual, tendo ainda afastado do açude a casa do guarda-encarregado, situada á entrada do mesmo, sobre uma collina, feita de pedra e com agua propria de uma nascente. O guarda-encarregado é um rio-grandense do norte, chamado Appolinario de Medeiros. Essas terras foram compradas ao Banco Credito Movel, em liquidação, por 98:000\$000.

Parte dahi a estrada de rodagem, que conduz á caixa dagua, atravez da matta federal, cujas bordas são cobertas de framboezas e xuxús, e velhos jequitibás, ipés e jacarandás de talhe enorme completam essa vegetação bem tropical. Numa das muitas curvas que existem tem-se um ponto de vista panoramico maravilhoso: a bacia hydrographica de Jacarépaguá, com sua restinga, separando o Oceano das lagoas de Marapendy, Camorim e Tijuca, os campos de Sernambetiba, as mattas *halophilas* (mangaes), *psammophilas* (restingas) e as *trophophilas* (ou dos alagados) circundando toda essa região serlanceja.

Ao chegar ao kilometro tres, encontra-se á esquerda a casa do guarda da *Caixa d'Agua e Represa de Camorim*, em plena matta de arvores gigantescas que se limita com a do Pau da Fome.

Passando-se ahi sobre uma velha ponte de madeira, que atravessa o Rio Camorim, encontra-se a Caixa d'Agua de pedra e cimento, construida em 1908 e, numa placa esmaltada, azul, com lettras brancas, lê-se: "D. R. A. O. P." "Altitude do fundo 141m,000" "Altitude do nivel 142m,600". "Profundidade util maxima 1m,600".

Essa caixa tem capacidade de 9.500:000 litros dagua, em 24 horas e é dividida em doze tanques e tres corredores, localizados para beneficiar as aguas, isto é, depositos de areia e impurezas, que se dividem da seguinte maneira: o primeiro corredor, que recebe as aguas da escada bateadeira e conduz as mesmas pelos quatro primeiros tanques; o segundo, que distribue á segunda serie de tanques e por sua vez o terceiro corredor, que passa á terceira série de tanques, levando as aguas ao registro, onde é conduzida por addutores de quarenta centimetros de diametro á Caixa da Reunião, no Tanque.

Cada corredor tem sua comporta de descarga, no extremo, á esquerda, e os tanques duas, no centro de cada série, como registro regulador. No terceiro, na parte principal, está o registro regulador da descarga para augmentar ou diminuir o volume de agua do reservatorio da caixa de sahida. Existe ainda o respirador onde sae o ar, como regulador da pressão das aguas, que é um cano de meia pollegada embutido (sangrando) no canal adductor. As aguas vêm á caixa por meio de um canal, que chamam de *escadaria*, de sessenta degrãos, de um metro de comprimento, que são as bateadeiras ou correadeiras, que lançam as aguas num systema de quedas bruscas, augmentando sua velocidade e purificando-as. Acima desta escada bateadeira está a caixa de areia de dois metros de profundidade, com uma comporta de descarga, que recebe as aguas da canaleta ou canal principal traçado numa alameda em plena matta de arvores seculares, vindo do fundo, a uns cento e cincoenta metros da barragem ou represa dupla, de quinze metros de largura, que recebe as aguas do Camorim, distribuindo uma parte para a canaleta central, regularizada pela comporta e a outra sae por uma barragem mais baixa, continuação do rio.

Como fundo desse scenario majestoso, um mônolito de gneiss intercepta a scena, mas o precioso liquido, transformado em alvissima cortina, como se fôra um véo, cáe, com raras dobras, da altura de onze metros, a um poço natural de quinze metros de largura, produzindo um escachoar contínuo, symphonia dos mananciaes; proveniente da queda, transforma-se o liquido em espuma, e esta em vaporisação sobe á atmospheria devolvendo-nos uma perenne e amena chuva envolvente nesse ambiente maravilhoso, desconhecido dos nossos turistas.

Depois dessa excursão, tendo voltado novamente em companhia do Dr. Roquette Pinto e de seu filho Paulo, em visita a essa represa, aquelle professor ficou maravilhado diante da belleza da queda de Camorim, lamentando só faltar uma orchestra acompanhando a voz de um Gigli para completar a natureza encantadora desse recanto.

As aguas de sobra continuam pelo leito do antigo Rio Camorim que, ao chegar atraz da casa do guarda, é represado por uma pequena barragem; segue depois seu leito até desembocar, por entre pedras, formando cachoeiras, na serra e, sereno, na planicie até a lagôa de Camorim, depois de um percurso de oito kilometros.



A mais bella represa da terra carioca : Camorim

O guarda da Caixa morreu ha seis mezes, e a casa em que vivia, de tijolo e pedra, bôa moradia, está desoccupada, por ser considerada nefasta a seus moradores; por isso móra o ajudante, em uma pequena casa de sopapo, coberta de sapê, á beira da estrada, com tres filhinhos e a esposa. O pobre homem é obrigado a manobrar todas as comportas das caixas e represa nos momentos de perigo, num temporal, velar pelo bom andamento, conservação e limpeza, noite e dia, sem um momento de folga, ganhando duzentos e quatro mil reis! E o mais interessante é que tambem é guarda da Matta de Comorim, que vae até o divisor das aguas, divisa de Pau da Fome, com 78 alqueires de terra.

Desta caixa dagua desce a estrada da Fazenda de Camorim, denominada da Caixa d'Agua, pavimentada de grossas pedras, verdadeiras pedras roladas, do tempo colonial, até proximo á Capella de S. Gonçalo de Amarante.

Ao longe, ouviam-se os sons de sinos a repicar alegremente, foguetes a espoucar nos ares, depois canticos religiosos, acompanhados de órgão. Era o dia do Santo. No largo da Igrejinha, barracas cobertas de sapê, vendendo docas e bebidas; cruzando o largo e a estrada bandeirolas de papel em galhardetes e arcos de bambús, dando um ar festivo a esse recanto rural.

No interior da igreja, um padre barnabita, da Freguezia de N. S. de Loreto, officiava a missa; o templo estava cheio de fieis.

A igreja toda branquinha, com faixas azues, coberta de telha de canal, lembrava os tempos coloniaes. Feita de pedra e barro, tem uma porta de entrada, com humbraes de cantaria; ao lado, a entrada da sacristia e, logo a seguir, os dois sinos de bronze, do tempo de sua fundação, cada um em seu respectivo vão em pleno cintro, a altura de um homem; num delles está a imagem de N. S. da Conceição e as palavras *Jezus — Maria — José*. No interior do templo, telha vã, ao fundo um arco sustentado por duas pilastras, e no interior o altar, tendo ao centro São Gonçalo de Amarante, á direito São Bento e á esquerda N. S. da Conceição; logo abaixo, o Sagrado Coração de Jesus e o tabernaculo com o Santissimo Sacramento. Um pequeno orgam, á direita, á esquerda um confessionario e alguns bancos; é o mobiliario. No corpo anterior do altar, o povo assiste a missa; á direita, o pulpito, á esquerda duas setteiras por onde entram luz e ar e pias de pedra embutidas na parede. O chão é pavimentado de cimento. A sacristia tem pia de pedra, mesa e escadaria

para o pulpito; ao fundo, um espaço para os paramentos e o padre.

Em frente á igreja existe um cruzeiro feito de cimento sobre rochas, cuja base recebe a cruz de madeira: nessa base, parte anterior, está um nicho a que chamam "Capella de Santa Barbara", onde depositam esmolos quando a igreja está fechada.

Dizem os moradores que um tal Juca bebia muito, não trabalhava e ninguém lhe dava dinheiro por esse motivo, mas sempre estava bebado. Um dia lhe perguntaram, como sempre:

— Compras paraty; quem te dá o dinheiro, rapaz?

Respondeu elle calmamente.

— S. Gonçalo de Amarante.

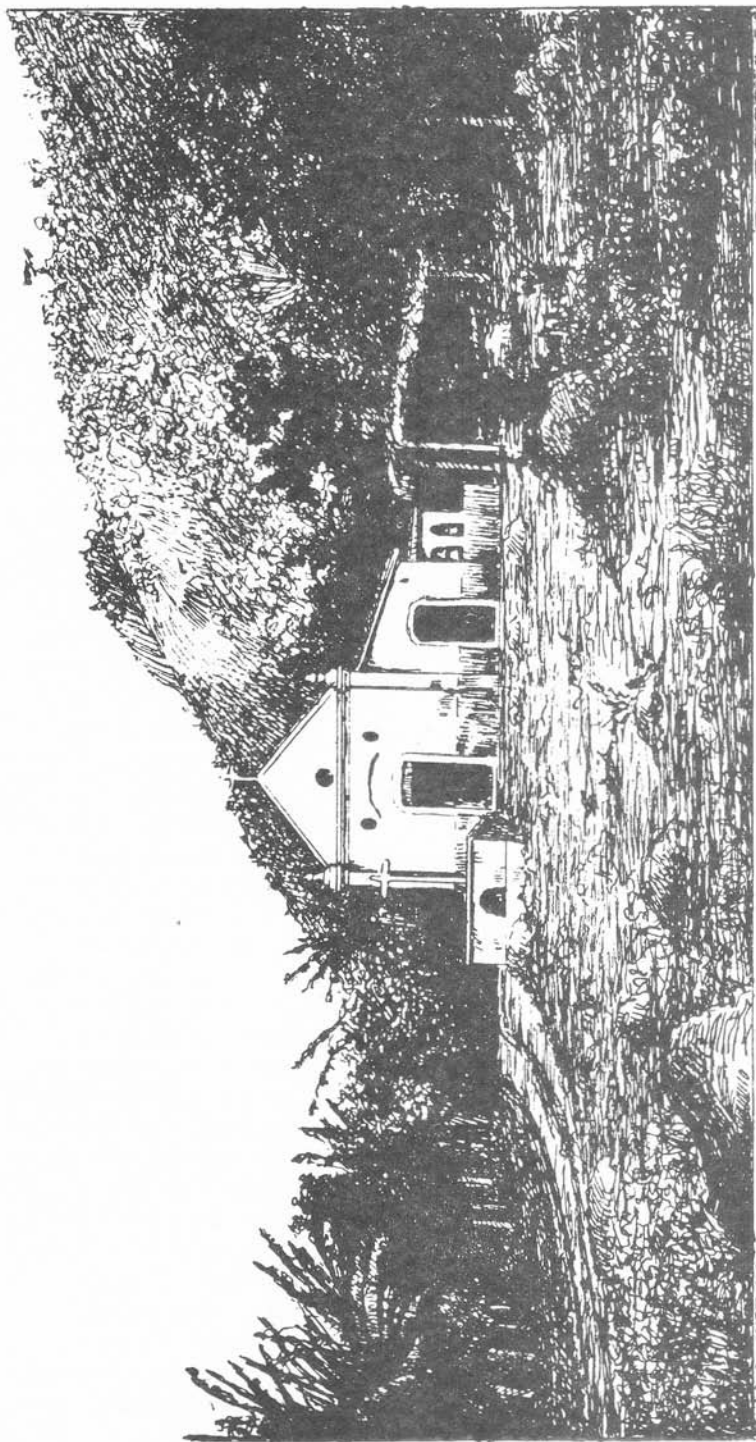
Todos os dias dividia, quando pelo cruzeiro passava, as esmolos com o santo.

São Gonçalo de Amarante é o padroeiro de Camorim desde os tempos coloniaes, e existe a seguinte invocação: "Nosso padroeiro, defendei-nos de nossos inimigos espirituaes e temporaes e protegei-nos em todas as nossas necessidades."

Mais abaixo, encontra-se a antiga *Fazenda de Comorim*, isto é, a casa assobradada, com varanda sobre pillares, coberta de telha de canal e, no interior, telha vã; foi aproveitada para escriptorio da companhia, sua proprietaria, mas, actualmente, nella está installada uma escola publica municipal.

A capella de S. Gonçalo foi levantada por concessão do Prelado Matheus da Costa Aborim, datada de 4 de outubro de 1625, a requerimento de Gonçalo Corrêa de Sá, proprietario dessas terras. "Nesse titulo foi declarado o logar de *Pirapitingui* (*pirá-peixe-pi* — escama. *tingui*-branco — *peixe* de escamas brancas), para a fundação da Capella, por ser então conhecido o sitio com aquella denominação, communicado do rio que fertiliza as terras do districto presentemente appellado de *Comorim*. Por morte desse fazendeiro, passaram as fazendas de Camorim, Vargem Pequena e Grande para D. Victoria de Sá, que no testamento que deixou por seu fallecimento em 30 de janeiro de 1667, legou ao "Convento de N. S. do Monteserrate".

"Comprehendiam: todas as terras, com um engenho e todas as que se acharem desde o Rio Pavuna até o mar, correndo da Costa, até junto de Sepetiba, com os montes, campos, restingas, lagôas, e rios, exceptuando algumas porções, que



Egreja de S. Gonçalo — construída em 1625, por Gonçalo Corrêa de Sá

a doadora dera em vida a varias pessoas." Mas a Ordem ficava obrigada ao encargo de uma missa diaria, um officio e outras obras pias de esmolos e responsos" (documentos do Archivo Municipal).

B. Lisboa diz: "Comquanto onerou a casa com muitos e perpetuos encargos comtudo esta herança tem sido a principal parte do nosso patrimonio, com os engenhos de Camorim, terras da Vargem e quatro casas assobradadas na rua, que hoje se chama travessa da Alfandega e, antigamente, dos Governadores, e será eterna, neste Mosteiro, a memoria desta grande doadora".

De facto, os restos mortaes de D. Victoria de Sá foram sepultados na Igreja de S. Bento, onde uma pedra marmorea, com competentes inscripções, indica a ultima morada dos descendentes dos Sás...

Com a aquisição de pequenas porções de terras adjacentes — o primitivo engenho de D. Victoria permittiu a divisão em tres grandes fazendas, cujos successivos melhoramentos podem ser detidamente aquilatados na referida obra.

Os frades beneditinos, por sua vez, hypothecaram a doação ao "Banco Credito Movei em Liquidiação" ha uns quarenta annos atraz, acabando por perderem as terras, das quaes o Banco, hoje em dia, é senhor, desde Pavuna ao Pontal de Sernambetiba.

No tempo do Barão da Taquara, era a Restinga de Jacarépaguá arrendada pelo Banco a elle, por 600\$000 mil réis mensaes, onde tinha seu gado.

Mas a pobre D. Victoria de Sá foi lograda em seu testamento, pois nunca disseram missas diarias e os procuradores da Republica, nunca estudaram o legado!

A directoria do Banco era até bem pouco constituida pelo Dr. Manoel Villaboim, o maior accionista e os senhores Castro de tal e Montenegro.

Mas os moradores dessas terras esquecidas dos nossos governantes, constituiram uma Caixa de Peculio, para a defesa de seus direitos e bemfeitorias, e o Banco entrou logo em combinação com os arrendatarios dirigentes dessa caixa e venderam, a prestação, as suas proprias terras.

Existe alli um zelador do "Banco". *Caetano do Camorim*, verdadeiro capitão do matto, que, com a cumplicidade de um soldado do posto de Vargem Pequena, chamado Severino Marques da Silva, vulgo "*Quatro olhos*", pratica as maiores barbaridades. Faz-me lembrar o *Marechal des Logis*

francez, a maior auctoridade de aldeias, de mentalidade curta e ignorante, mas o nosso soldado, approxima-se de Lampeão pela sua ferocidade. Ha tempos, um pobre homem, Domingos Rodrigues Sotello, arrendatario das terras do Banco, quebrou a perna num desastre de trem e por isso foi internado no hospital e a sua pobre companheira Ernestina Rita Campos ficou no sitio sozinha; numa bella noite foi despejada, harradamente, pelo zelador Caetano e "Quatro olhos", collocados os moveis e utensilios em baixo de uma soqueira de bambu, onde morou varios dias, somente porque o sitiante não estava em dia. Outras vezes, queimam as casas para os moradores saírem de seus lares e sitios.

Assim é a vida nesse recanto tradicional dos Sás.

O Banco vende, actualmente, as terras, pois é um grande negocio; o preço varia com a localização: terras do interior custam 1:300\$000 o alqueire, pagos em cinco annos; á margem da estrada varia de mil réis a mil e quinhentos réis o metro quadrado. Passando Camorim, observando tudo, fiquei desolado. E a um kilometro abaixo, chegámos á estrada de rodagem de Guaratiba, onde passa o auto-omnibus, tres vezes ao dia que nos levou ao Tanque.

O percurso da Caixa d'Agua do Rio Grande (Pau da Fome) a Camorim, foi feito em cinco horas de viagem, perfazendo 25 kilometros, das 9½ da manhã ás 3 horas da tarde. Eramos eu, minha mulher, meu filho e o creoulo Roberto, de 38 annos de idade. O mais caçado foi Roberto e o menos, o meu filho René. Ao chegarmos a uma taboca, á beira da estrada, um velho morador, admirado da nossa travessia, exclamou:

"Apreccio estas coisas moços, melhor que muita gente boa".





Casa da fazenda do Camorim — presentemente Escola Publica Municipal